

LITERATURA

Obra para ler antes do fim do mundo

Hoje, na Livraria A União, em João Pessoa, Ricardo Oliveira apresentará a história distópica 'Verde Gás'

Audaci Junior
audaciuniao@gmail.com

Para muitas civilizações, ao longo dos passos erráticos e cambaleantes da humanidade rumo ao futuro, várias vezes aconteceu um "fim do mundo". Até mesmo nos períodos de eleição em países democráticos é tido como o "fim de uma era". No universo ficcional, até as bordas das últimas páginas podem ser consideradas o apocalipse dos personagens, assim como alguns navegadores europeus do século 15 pensavam quando se chegava "ao fim da beirada dos oceanos", em um não confiável novo horizonte.

O fim do mundo é de praxe na literatura, cinema, quadrinhos e afins – até mesmo denominado como um "clichê" –, porém o que oferece uma sobrevivência do tema é como esse cenário e como os personagens se comportam após o final de tudo. Esses (re)começos são o diferencial.

Em *Verde Gás* (Editora O Grifo, 128 páginas, R\$ 69,90), o estopim é um ataque de gás tóxico que é acometido na cidade de João Pessoa, na Paraíba. Um único sobrevivente decide permanecer no condomínio fechado onde vive, enterando corpos e investigando a vida dos vizinhos mortos.

Essa imersão do escritor e jornalista Ricardo Oliveira – tanto na distopia quanto nos seus primeiros passos como romancista – pode ser conferida em uma das séries de lançamentos que o autor está realizando neste mês, no mesmo local onde se passa sua história: hoje, a sessão de autógrafos acontecerá na Livraria A União, no Espaço Cultural, a partir das 19h, na capital paraibana.

Na ocasião, haverá um bate-papo entre o autor e o escritor paraibano Tiago Germano, acerca do tema "João Pessoa distópica: ligando alertas para o futuro".

O começo do fim nasceu em 2018, quando Ricardo Oliveira observava casas e prédios abandonados no meio da cidade. "Comecei a reparar que a gente tinha minicenários pós-apocalípticos por aí. Toda rua tem uma casa velha, com mato crescendo, e isso pareceu aumentar na pandemia", relembrou o autor. "É mais triste ainda no Centro, onde a gente vê muitos prédios históricos. Parece o fim do mundo mesmo".

Assim como no imaginário literário, o fim do mundo também está presente nas religiões, inclusive sendo usado de forma não tanto ortodoxa. Uma das gêneses para o apocalipse da obra residia não apenas nas paredes desgastadas das edificações no Centro Histórico da capital: o inferno que se tornou os debates por conta da cada vez mais crescente ligação entre evangélicos e política no Brasil contemporâneo. "A cultura evangélica começou a fazer parte do país de um jeito novo nos últimos anos e acho que é importante termos mais obras discutindo tudo isso, especialmente com visões de dentro", apontou ele, que tem uma longa experiência na vivência com denominações evangélicas, desde a infância. "Isso aparece na narrativa em épocas e contextos diferentes, colocando o personagem diante de dilemas de fé desde a puberdade até a vida adulta nas eleições de 2018", complementou.

Independente das discussões acaloradas específicas

nas redes sociais e fora delas, para o autor, toda a vivência religiosa precisa lidar com o fim. "Isso sempre foi e provavelmente vai continuar sendo assim. Só que, depois de um tempo, eu comecei a perceber as narrativas bíblicas de forma mais literária e não só religiosa. Então até a narrativa do dilúvio e da arca de Noé, por exemplo, é um tipo de fim de mundo nos moldes de filmes apocalípticos, que o diga Darren Aronofsky. Essa história é mais importante para *Verde Gás* do que o livro do *Apocalipse*, por exemplo. E aí, curiosamente, a leitura distorcida desse tipo de alegoria bíblica costuma ser a base para pensamentos fascistas, na ideia de que 'só escolhidos' merecem alguma salvação. Um discurso que foi e continua sendo bem presente na política brasileira desde 2018", apontou Ricardo Oliveira.

Depois de promover o lançamento no *Natal na Usina*, na convenção Top! Top! e na Li-

vraria A União, próximo sábado (16) será a vez da Feira Armazém (Espaço Cultural), das 10h às 20h, e no domingo (17), na Virada Nerd, evento da Livraria Leitura, a partir das 18h.

Autores acomodados

Assim como aquelas pessoas que carregam pelas ruas cartazes anunciando o fim do mundo, o escritor também "vestiu a camisa" na campanha de financiamento coletivo, quando encarnou o protagonista nos corredores da edição inaugural do ImagineLand, evento destinado à cultura pop que aconteceu no final de julho, no Centro de Convenções de João Pessoa. Assim como os *cosplays* (os fãs que se vestem como seus personagens favoritos dos *games*, cinema, séries e HQs), Oliveira estava munido de máscara e

equipamentos que o seu personagem no livro.

"Fazer o *marketing* de *Verde Gás*, para mim, é a segunda parte mais importante do processo. Eu acho que autores são muito acomodados nesse sentido, ou mesmo não sabem muito bem o que fazer. E eu detesto a ideia do livro ficar limitado a alguns poucos exemplares impressos".

Pelo visto, o fim do mundo de Ricardo Oliveira se concretizou. E,

tendo um vislumbre do futuro, após os lançamentos do *Verde Gás* se dissipar, haverá outros (re)começos para outras obras do autor.

Foto: Rayssa Soares/Divulgação



Foto: Samuel Soares/Divulgação



No quadro pós-apocalíptico que Oliveira (acima) pinta na capital paraibana, há espaço para questões políticas e religiosas; para promover a campanha de financiamento coletivo, o autor se vestiu do protagonista da obra no ImagineLand (ao lado), em julho passado

'DOCE AMANHÃ'

Novo livro de Banana Yoshimoto é publicada no Brasil

Eduardo Augusto
Especial para A União

Dona de um estilo único e uma narrativa delicada e cheia de reflexões sobre vida e morte, amor e perda, a japonesa Banana Yoshimoto (cujo nome de batismo é Mahoko Yoshimoto) tem mais uma obra lançada no Brasil pela Editora Estação Liberdade. A tradução é de Jefferson José Teixeira.

Em seu novo livro, *Doce Amanhã* (128 páginas, R\$ 59), a autora conta a história Sayo, uma mulher que leva uma vida comum com seu namorado, até que um acidente tira a vida dele e a deixa quase morta. É essa experiência de quase morte que a leva a um novo olhar sobre a vida.

Durante esse estado, a protagonista é transportada para outro mundo, cheio de cores e paisagens quase oníricas onde encontra seu cachorro e seu avô, ambos já falecidos. É desse encontro transformador que sua vida muda.

Após esse encontro e das conversas que têm com seu avô, que a tocam profundamente, Sayo tem uma segunda chance. Depois de sua lon-

ga recuperação e tendo de lidar com o luto, ela não será mais quem era.

Com essa nova percepção de vida, cheia de reflexões, a personagem principal encontrará um novo mundo, até então desconhecido. Entre a brevidade da vida e a constância da morte, somos levados a refletir sobre o que de fato é importante na brevidade das nossas vidas.

Banana Yoshimoto nasceu em Tóquio, no Japão, em 1964. Ela é filha do poeta e famoso intelectual Takaaki Yoshimoto (1924-2012), e é formada em Literatura pela Universidade Nihon. Começou a escrever muito jovem e teve reconhecimento pela crítica especializada já no seu primeiro livro, *Kitchen*, lançando quando ainda estava na universidade, no ano de 1988.

A sensibilidade da autora para explorar a complexidade das emoções humanas é evidente em suas histórias, nas quais os personagens lidam com questões profundas enquanto buscam por esperança e acessibilidade. Seus contos giram, frequentemente, em torno de protagonistas

jovens, muitas vezes mulheres, que enfrentam desafios da vida cotidiana, mostrando a resiliência e a força que residem dentro delas.

A simplicidade e a profundidade das obras de Yoshimoto têm um apelo universal, transcendendo fronteiras culturais. Sua escrita fluida e emotiva convida os leitores a mergulhar em reflexões sobre a natureza humana, relacionamentos e a jornada de autodescoberta. Sua capacidade de capturar a essência dos momentos simples da vida e transformá-los em experiências sérias é um dos pontos fortes da sua escrita. A escritora continua a ser uma voz influente na literatura contemporânea. Sua habilidade de capturar a essência da vida cotidiana e transformá-la em histórias reflexivas é uma marca registrada.

De Yoshimoto, a Editora Estação Liberdade publicou também a obra *Tsugumi* (2015), que rendeu à autora o Yamamoto Shugoro, prêmio literário local concedido anualmente a livros que se destaquem como exemplos de arte narrativa.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Estação Liberdade

Imagem: Estação Liberdade/Divulgação

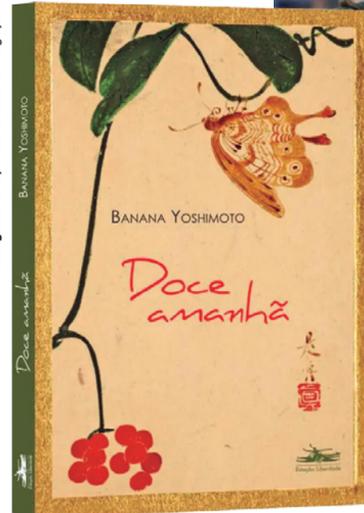


Foto: Estação Liberdade/Divulgação

Escritora japonesa Banana Yoshimoto (acima) é dona de uma narrativa delicada e cheia de reflexões sobre vida e morte, amor e perda, além das segundas chances